

II CONGRESSO INTERNACIONAL DE LINGUÍSTICA E FILOLOGIA
XX CONGRESSO NACIONAL DE LINGUÍSTICA E FILOLOGIA
A REPRESENTAÇÃO DO ÍNDIO
NA OBRA *IRACEMA*, DE JOSÉ DE ALENCAR

Acsa Oliveira Fernandes (UEMG)
acsaooliveira29@gmail.com

Lídia Maria Nazaré Alves (UEMG)
lidianazare@hotmail.com

Vanessa Fernandes Dias (UEMG)
vanessafernandes088@gmail.com

Tailane da Silva Santos (UEMG)
tailanesantos2011@hotmail.com

Ivete Monteiro de Azevedo (UEMG)
imazevedo62@gmail.com

RESUMO

O assunto deste artigo está desenvolvido em torno da temática "Poéticas da modernidade: um olhar para a diferença", projeto de pesquisa em desenvolvimento neste ano de 2016, na UEMG (Carangola), sob a orientação da professora Lídia Maria Nazaré Alves e coordenação do professor Alexandre H. C. Bittencourt. Nas pesquisas realizadas entendeu-se por diferença àqueles que tiveram seus *direitos* à voz e à vez rechaçados, transformando-se, em consequência disso, num grupo marginalizado. No projeto de pesquisa em questão, volta-se o olhar para a representação de grupos minoritários, quaisquer que sejam. Como o índio está inserido neste grupo, mas não só, por ser muito pouco estudado no âmbito das letras, elegeu-se sua representação na obra de José de Alencar, como objeto de análise, porque, acredita-se que o retorno a este romance de fundação, será muito esclarecedor, para que se entenda alguns mecanismos de formação, representativa e real, de grupos minoritários, no que se refere ao direito à voz e à vez na ficção e na realidade brasileiras. Com a finalidade de analisar com maior confiança a obra em questão, adentrou-se com maior interesse nos estudos realizados por Antonio Candido (2009) e Afrânio Coutinho (1968), pois ambos realizam discursos esclarecedores sobre a relação história e ficção no Brasil. No que tange à formação do sistema literário brasileiro, o primeiro afirma que inicialmente houve um processo de imposição cultural da matriz colonizadora ibérica e, posteriormente, uma adaptação desta para a cultura local. Para o segundo, o referido sistema, foi constituído mais a partir de um processo de adaptação do que de um processo de imposição da referida matriz. Objetivou-se, neste artigo, verificar se "Iracema" foi construída a partir de uma ideologia que prima pela imposição ou a partir de uma ideologia que prima pela adaptação da matriz colonizadora ibérica ou, ainda, se houve um diálogo desses dois processos.

Palavras-chave: Afrânio Coutinho. Antonio Candido. Adaptação. Imposição. *Iracema*.

1. Introdução

O assunto a ser tratado neste artigo já vem sendo estudado com afinco e determinação por diversos especialistas, dentre os quais pode-se citar Antonio Candido (2009) e Afrânio Coutinho (1968). Ambos utilizados aqui a fim de que proporcionem embasamento teórico e segurança às informações que serão elencadas. Esses dois críticos literários, apesar de terem se dedicado em determinado momento ao estudo do mesmo objeto – a literatura brasileira – divergem entre si, no que diz respeito à composição de uma literatura genuinamente nacional.

Antonio Candido (2009) afirma, em seu capítulo “Literatura de dois gumes”, que o que houve com a literatura brasileira foi uma “modificação” do universo de uma literatura “já existente”, “importada com a conquista e submetida ao processo geral de colonização e ajustamento ao Novo Mundo” (Cf. CANDIDO, 2009, p. 165). Para ele, a literatura do Brasil é, sobretudo, europeia em sua formação e, somente a partir da Independência, é que ela se tornou verdadeiramente brasileira. Em consequência desse fato, em suas manifestações artísticas, o Brasil herdou praticamente todas as características de uma literatura erudita, com diversas exigências referentes à forma e receptiva à uma visão real e fantasiosa da vida, ao mesmo tempo. O crítico traz de forma historiográfica um apinhado geral dos períodos literários para justificar o que declara e expõe que o ambiente colonial e contraditório em que o Brasil se encontrava, quando foi conquistado, favoreceu o estilo literário Barroco e os escritores consideravam essa tendência como uma maneira normal de mostrar ao mundo os seus pensamentos. Porém, a partir do século XVIII, devido à influência do movimento romântico, os poetas começaram a humanizar e valorizar a natureza, transmitindo seus pensamentos, através dessa e fazendo com que ela tivesse vida própria. Em 1822, com a Independência, os escritores começaram a pensar na literatura como uma forma de afirmação nacional e de construção da Pátria. Nesse período, de acordo com Antonio Candido (2009), é que se definiu a fisionomia literária brasileira e se configurou os valores que influiriam na sociedade posteriormente.

Por outro lado, Afrânio Coutinho (1968) defende a ideia de que “existe uma só literatura brasileira desde o início, com um sentimento “particularista” ou nacional a demonstrar-se progressivamente, diferenciando-se dia a dia do espírito português” (Cf. COUTINHO, 1968, p. 162). Para o professor, “a literatura brasileira emerge da literatura ocidental do barroquismo. Foi sob o signo do barroco definido não só como um estilo de arte, mas também como um complexo cultural, que nasceu a literatura

II CONGRESSO INTERNACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA XX CONGRESSO NACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA

brasileira” (Cf. COUTINHO, 1980, p. 79-80). Ele argumenta que a influência europeia exercida não foi suficiente para deter o nacionalismo presente na literatura, desde suas primeiras manifestações e que, graças a esse sentimento, voltado para o nacionalismo, essa adquiriu fisionomia através do poder criador dos poetas/escritores da época, que iam conquistando mais aptidão e talento a cada item escrito, e, assim, alcançou a maturidade, mais especificamente, no período do Romantismo, visto que uma das características essenciais dessa tendência era a valorização da natureza como fonte de inspiração/proteção e a outra era o gosto ao passado da nação, às ruínas. Isso fez com que surgisse a necessidade de se inventar uma história e um herói sem mácula que representassem o Brasil e fez com que os escritores desenvolvessem temas e formas peculiarmente brasileiras. Afrânio Coutinho (1968) ressalta que o desenvolvimento da consciência nacional da literatura se transpunha e atuava igualmente sobre o plano político, exercendo assim uma função cívica; que a representação do “estilo de vida próprio, brasileiro, é que é fator principal da literatura no Brasil” (Cf. COUTINHO, 1968, p. 162) e que não há diferenças entre as produções anteriores à Independência e as produções posteriores à essa emancipação.

O escritor brasileiro, político e advogado José Martiniano de Alencar, nascido em 1829 e morto em 1877, por tuberculose, filho da aristocracia rural e da oligarquia provinciana, é considerado o patriarca da literatura brasileira por incitar o movimento de renovação da literatura, acentuar a necessidade de se adaptar os moldes estrangeiros ao ambiente do Brasil, defender os motivos e temas brasileiros, reivindicar os direitos de uma linguagem nacional, incorporando vocábulos tipicamente indígenas e criando diversos neologismos, colocar a natureza e a paisagem física e social brasileiras em uma posição elevada, produzindo um mundo virginal e paradisíaco, dando ênfase na flora e fauna brasileiras e retratando em seus escritos o que conseguia capturar do modo de vida dos índios, exigir o enquadramento do regionalismo na literatura, apontar a necessidade de ruptura com os modelos neoclássicos e ceder um enérgico impulso à literatura brasileira em direção à liberdade.

Em suas obras, esse autor abrangeu praticamente todas as partes do país - entre elas o sertão do Nordeste, o litoral cearense, a cidade do Segundo Reinado - e toda a evolução histórica da nacionalidade, que compreende diversos períodos que vão desde o pré-cabralino (anterior ao contato do índio com o homem branco) até o período que abrange a vida urbana de seu tempo.

Em Alencar agregam-se duas perspectivas distintas que condensam a consciência literária nacionalista. Uma delas é a linha técnica referente à formação dos gêneros e das formas e, a outra linha que diz respeito ao processo de diferenciação da literatura brasileira com relação à literatura ibérica. Ele elevou o conceito de gênero textual e desenvolveu-o não só no aspecto estrutural, mas também no aspecto temático e isso delineou o caminho para outros grandes autores, tais como Machado de Assis.

José de Alencar, em sua obra *Iracema*, evoca com imagens e impressões da exuberante natureza brasileira alguns espaços, que merecem destaque, por serem cenários de importantes acontecimentos nesse livro. São, dentre outros, o campo dos tabajaras, onde fica a taba do pajé Araquém, pai de Iracema; a taba de Jacaúna, na terra dos potiguaras; a praia em que vivem Martim e Iracema e que também onde nasce Moacir. Ele apresenta nesse romance a terra conquistada, as tradições do povo e abarca todas as facetas da evolução nacionalista do Brasil. Por ser, talvez, a pessoa que mais lutou e defendeu a identidade brasileira, tanto através do vocabulário, quanto da sintaxe que empregava, foi escolhido para análise. Pretende-se averiguar se no livro citado há a presença de uma imposição cultural ou de uma adaptação cultural portuguesa ou ambas, na configuração dos personagens e ideologias culturais que os circunscrevem.

Sob a história, ao mesmo tempo, romântica e trágica da protagonista Iracema, representante do Brasil, que é coagida a mentir ao pai e, em consequência disso, quebra o voto sagrado se entregando a Martim – uma analogia da Europa e do colonizador –, luta contra seus próprios irmãos e atrai para si a morte e a destruição, ocultam-se vários aspectos ideológicos.

2. *Iracema e Martim, uma analogia: Brasil – Portugal*

De acordo com Antonio Candido (2009) e ainda parafraseando-o, no processo de imposição e adaptação cultural, a literatura desempenhou um papel importante, visto que grande parte dos escritores tinham em si os valores da metrópole e, com suas obras, expunham a religião e normas políticas portuguesas aos nativos, louvando e defendendo as ideias colonizadoras, ao mesmo tempo que tentavam progredir intelectualmente. Porém, ao se depararem com as necessidades da colônia, com o novo estilo de vida social a que estavam inseridos e com a influência dos índios e escravos, os autores brasileiros começaram a exprimir a realidade cul-

II CONGRESSO INTERNACIONAL DE LINGUÍSTICA E FILOLOGIA XX CONGRESSO NACIONAL DE LINGUÍSTICA E FILOLOGIA

tural em que viviam, se inspirando no que havia de particular no povo, se adaptando e apresentando diversas diferenças da literatura produzida em Portugal, criando assim uma literatura de duas facetas distintas que favorecia o colonizador e beneficiava o colonizado.

Para que se chegasse a esse ponto, fez-se necessário a concepção de um passado brasileiro lendário, livre de estragos e que amenizasse a quantidade de mortes dos nativos causadas pela colonização e era imprescindível também a criação de um herói que pudesse simbolizar e exprimir por si mesmo o que havia de mais característico e singular na fauna e flora brasílicas. A figura do índio corporificou esse ideal e ocupou o lugar desse herói corajoso e valente e toda essa valorização dada ao autóctone contribuiu para o surgimento de uma literatura mais predominantemente nacional, por manifestar a sensibilidade e a visão brasileira das coisas. O indianismo, para Afrânio Coutinho (1968) foi um fator que se iniciou e permaneceu durante todos os tempos da literatura brasileira e o ideal em busca da nacionalidade encontrou no indígena a sua convicção primordial, seus costumes e lendas (Cf. COUTINHO, 1968, p. 166-167). Para o professor, graças a esse feito, outras áreas do Brasil foram exploradas e os romances e as poesias situaram-se “cada vez mais profunda e largamente no território e nas gentes brasileiras, nas regiões culturais, agrícolas e econômicas do país” (Cf. COUTINHO, 1968, p. 167). Antonio Candido (2009) relata que o resultado oriundo de se erigir o índio como símbolo nacional foi o de que todas as famílias importantes e, conseqüentemente, toda a Nação passou a ver no nativo um antepassado mítico e esse desfrutou, enfim, da valorização que merecia. (Cf. CANDIDO, 2009, p. 174)

Ter o selvagem como símbolo do espírito e da civilização representava a ruptura com o que ainda havia da herança de Portugal. O nativismo brasileiro encontrou no índio um símbolo de independência política, social e literária, visto que esse estava estritamente relacionado com a restauração da infância e com o retorno à inocência. Para a literatura brasileira, essa valorização ao nativo foi de extrema importância, pois deu a possibilidade de mostrar, ainda que não genuinamente, através das artes, um pouco da cultura, costumes e crenças que aqui haviam antes do processo de colonização.

A obra *Iracema* é um romance da literatura brasileira escrito por José de Alencar e publicado em 1865. Nesse livro, o autor criou uma explicação poética para as origens de sua terra natal e, por isso, a história é considerada uma lenda. A “virgem dos lábios de mel” tornou-se símbolo

do Ceará e seu filho, Moacir, proveniente de seu amor com o colonizador português Martim, representa o primeiro cearense, mestiço, fruto da união de duas raças distintas. Toda a narrativa é uma representação do que aconteceu com a América na época da colonização europeia.

O livro conta a história de amor entre o guerreiro branco chamando Martim e a jovem tabajara Iracema. Ao se perder de seus companheiros durante uma caçada, Martim adentra a mata e se põe a caminhar sem rumo até se deparar com a índia que, surpresa e amedrontada, lhe fere com uma flecha. Ao ver a reação do guerreiro, a jovem, amedrontada, oferece-lhe hospitalidade, quebrando com ele a flecha da paz.

Recebido na cabana de Araquém e tendo ao seu dispor as mais belas tabajaras para lhe servir, o guerreiro as rejeita e declara ter interesse apenas pela “virgem dos lábios mel”. Essa, por sua vez, lhe explica que não poderia servi-lo, pois era ela quem tinha conhecimento do segredo da jurema e oferecia a bebida sagrada ao pajé e demais guerreiros.

Com a chegada do chefe Irapuã para comandar as lutas que seriam travadas, os tabajaras ficam em festa e Martim, decepcionado por descobrir que Iracema era sacerdotisa de Tupã, decide ir embora escondido, porém surge à sua frente o vulto da querida índia que, magoada, o seguirá e o pergunta se alguém havia lhe feito mal. O guerreiro, ao se sentir ingrato, se desculpa e promete que esperaria Caubi retornar da caça para que esse o levasse em paz até a taba dos potiguaras.

No dia seguinte, Iracema, ao ver que Martim estava triste, o indaga se há uma noiva que o espera, o leva até o bosque da jurema e lhe serve gotas da bebida sagrada, para que dessa maneira o branco pudesse suprir a saudade que sentia da família, porém, em seu sonho, a imagem da virgem sempre aparece e, inconscientemente, a beija. O chefe Irapuã, ao descobrir que havia um inimigo hospedado na taba de Araquém se irrita e ameaça matá-lo. A índia passa a temer pela vida do guerreiro branco e fica a cada dia mais triste ao saber que seu hóspede logo partiria.

Seguindo Caubi, Martim vai embora acompanhado por Iracema e, com um beijo, os dois se despedem. Irapuã, contudo, à frente de cem guerreiros, cria uma emboscada e cerca os caminhantes para matar seu inimigo. Caubi defende o hóspede e solta o grito de guerra que é ouvido pela virgem. Essa corre e tenta convencê-lo a fugir. O guerreiro branco não aceita a ideia e decide enfrentar o chefe tabajara, apesar de Caubi o provocar para que lutasse com ele. Quando Irapuã e Caubi iam começar uma luta ouviu-se o som de guerra dos potiguaras e os lutadores tabaja-

II CONGRESSO INTERNACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA XX CONGRESSO NACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA

ras, então, correm para enfrentar a tribo inimiga, deixando Iracema e Martim à sós. Ao perceber que o grito de guerra havia sido um “alarme falso”, Irapuã, com raiva, procura o guerreiro branco a fim de matá-lo. No entanto, Araquém o protege.

Martim, ao ouvir o som característico emitido por seu amigo Poti, sente vontade de fugir e ir encontrá-lo, porém a sacerdotisa de Tupã lhe garante fidelidade e vai localizar o potiguara a fim de lhe dizer que seu companheiro branco logo viria para o alcançar. Não era prudente Martim afastar-se durante o dia porque poderia ser seguido. Nesse momento, Caubi aparece e alerta a irmã de que os tabajaras tencionavam matar o hóspede. Iracema pede a seu irmão para que levantasse a pedra para que pudessem se esconder e que ele ficasse de guarda.

No interior da caverna, Iracema e Martim ouvem a voz de Poti, embora sem vê-lo. Ele lhes declara que estava sozinho e por sugestão de Iracema, elaboram um plano que consiste na ideia de Martim fugir na mudança da lua, ocasião em que os tabajaras estariam em festa e assim ficaria mais fácil evitar o encontro deles com o irado Irapuã. À noite, na cabana de Araquém, Martim, ao lado de Iracema, não conseguia dormir, então pediu a ela que lhe trouxesse mais uma vez a bebida sagrada. Ele dormiu e sonhou com a virgem, chamando-a, ela, por sua vez, correu para ele e o abraçou, consumando o ato sexual.

Quando a lua apareceu, os tabajaras se reuniram em torno do pajé e levaram-lhe oferendas. Iracema, após preparar a bebida sagrada, dirigiu-se à cabana do pai para buscar Martim e conduzi-lo até Poti, que o aguardava escondido a fim de levá-lo em segurança. Ela os acompanhou até o limite das terras tabajaras e quando o guerreiro branco insistiu para que retornasse para a sua tribo, lhe revelou que não podia voltar, pois já era sua esposa.

Ao amanhecer, Poti os alertou de que os tabajaras já estavam em perseguição. Irapuã e seus guerreiros chegaram ao local onde estavam os fugitivos e na mesma hora apareceram também os potiguaras, sob a chefia de Jacaúna. Travou-se, então, o inevitável combate. Ao perceber que seus irmãos haviam perdido a luta, Iracema chorou vendo-os quase todos mortos.

Retornando para a taba potiguara, Poti e Martim estavam contentes, ao contrário de Iracema que estava triste por ter que ficar hospedada na tribo inimiga que matou boa parte de seus irmãos. Ciente disso, o guerreiro português decidiu procurar um lugar afastado para que pudes-

sem morar e viverem felizes. Nessa nova rotina, Poti e Martim caçavam enquanto Iracema colhia frutas, passeava pelos campos e arrumava a cabana. Grávida, ela aguardava a hora do parto e já não sentia mais desgosto por ter saído de sua tribo. Com o passar do tempo, Martim começou a viver mais afastado, tomado pelas lembranças do passado anterior à vida na selva e ficava olhando as embarcações passando no mar, sem dar muita atenção à índia até que certo dia, chegou um guerreiro que, a mando de Jacaúna, convocava Poti para a guerra e Martim fez questão de ir com o amigo.

Os dois partiram sem se despedir de Iracema e para que ela entendesse que haviam ido para a guerra, Poti fincou no chão uma flecha de Martim e atravessou nela um goiamum que acabara de abater e enlaçou também uma flor de maracujá. A índia quando viu o sinal, voltou triste para a cabana e todos os dias tinha a confirmação de que seu amado ainda estava longe. Os dois guerreiros retornaram da batalha vitoriosos e, de novo, Martim e Iracema se amaram como no início de seu relacionamento. Aos poucos, porém, ele voltou a se isolar com saudade de sua gente. Sua esposa se afastava, também triste. Um dia, apareceu no mar, ao longe, um navio dos guerreiros brancos que vinham aliar-se aos tupinambás para lutarem contra os potiguaras. Poti e seu amigo armaram uma estratégia de proteção, esconderam seus guerreiros e atacaram os inimigos de surpresa. A vitória foi retumbante.

Enquanto Martim estava combatendo, Iracema concebeu o filho, a quem chamou de Moacir, filho da dor. Certo dia, ela recebeu a visita de seu irmão Caubi, que, saudoso, vinha visitá-la, trazendo paz. Ele admirou a criança, porém surpreendeu-se com a tristeza da irmã. De tanto chorar, Iracema perdeu o leite para alimentar o filho e para conseguir amamentá-lo novamente foi à mata e deu de mamar a alguns cachorrinhos, eles lhe sugaram o peito e dele arrancaram o leite. A criança estava se nutrindo, mas a mãe perdera o apetite e as forças, devido à tristeza e saudade que sentia.

No caminho de volta, findo o combate, Martim, ao lado de seu amigo Poti, vinha apreensivo, se perguntando como estaria sua amada. Quando chegaram à porta da cabana, ela só teve forças para erguer o filho e apresentá-lo ao pai. Em seguida, desfaleceu e não mais se levantou da rede. Suas últimas palavras foram o pedido ao marido de que a enterrasse ao pé do coqueiro de que gostava tanto. O sofrimento de Martim foi enorme, principalmente porque seu grande amor pela esposa retornara revigorado pela paternidade. O lugar onde enterrou Iracema veio a se

II CONGRESSO INTERNACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA XX CONGRESSO NACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA

chamar Ceará. O guerreiro branco retornou para sua terra, levando o filho e quatro anos depois voltou para o Ceará com o objetivo de implantar a fé cristã. Poti se converteu e continuou sendo um fiel amigo. Os dois ajudaram o comandante Jerônimo de Albuquerque a vencer os tupinambás e a expulsar o branco tapuia. Às vezes, Martim revia o local onde fora tão feliz e se doía de saudade.

Como se pôde observar, em *Iracema* Alencar não mostra a nenhum momento os trágicos ocorridos aos nativos e com essa obra inaugura uma crença mestiça e prodigiosa. Ele escreve esse livro com um modo de narrar que lembra as histórias orais, valorizando a cor local, as coisas típicas e exóticas a fim de embelezar e engrandecer a terra natal por meio de comparações que ampliam o caráter paradisíaco do Nordeste. A protagonista Iracema é projetada da maneira mais intrincada e expressiva possível, ela é o centro da brasilidade de cuja entrega e sacrifício mortal surge a nova raça. Todas as imagens que José de Alencar utiliza para se referir à “virgem dos lábios de mel” são retiradas da natureza e isso identifica a personagem com o ambiente e faz com que ela se torne uma personificação do Brasil.

O pecado da personagem, a sacerdotisa de Tupã, consiste em ceder a sua virgindade ao guerreiro português Martim, que é uma analogia da Europa, do colonizador. A partir desse momento ela transfere todo o poder que detinha para o estrangeiro e atrai para si toda a responsabilidade do ato e toda a maldição de seu deus. O encontro de Iracema e Martim representa o encontro do bem da natureza com o bem da civilização, um considerado puro em relação ao outro. Eles se integram para formar uma nova nacionalidade.

Contado em terceira pessoa por um narrador onisciente, que se mostra envolvido e emocionado com o que relata, o livro demonstra grande subjetividade que se manifesta pelos adjetivos, metáforas e comparações que foram empregadas. Com um tom poético, épico, solene, lírico, terno e compassivo ao mesmo tempo, a recriação do passado contém tanto a magia das tradições orais como a veracidade das pesquisas históricas.

De acordo com os estudos de Fernando Teixeira de Andrade (2015), para elaborar o vocábulo “Iracema”, Alencar aglutinou duas palavras guaranis e aportuguesou o resultado. Ele ajustou o termo “ira”, que significa mel, ao termo “cembe”, que significa lábios. Portanto, IRA + CEMBE = Iracema, a virgem dos lábios de mel.

José de Alencar é um escritor que, sem dúvidas, lutou pelo espírito crítico, procurou seguir quotidianamente o pensamento em busca de si mesmo e contribuiu para a autonomia literária, que se manifesta sempre que um homem transfere para o papel a sua visão da realidade. Para esse escritor, não bastava a reprodução do ambiente, dos tipos e da linguagem, era preciso ter um sentimento íntimo que pudesse orientar os acontecimentos, as reações e os personagens que não poderiam estar em outro tempo e em outro lugar que não fosse o Brasil. Conforme ele mesmo afirmou,

o conhecimento da língua indígena é o melhor critério para a nacionalidade da literatura. Ele nos dá não só o verdadeiro estilo, como as imagens poéticas do selvagem, os modos de seu pensamento, as tendências de seu espírito e até as menores particularidades de sua vida. (ALENCAR, 1991, p. 89)

Alencar defendia que se os escritores quisessem ser entendidos pelo povo, deveriam utilizar os termos e locuções desse, traduzindo os costumes e sentimentos através dos vocábulos que os nativos compreendiam. Foi um autor que conhecia as normas referentes ao estilo e à forma, como se pode observar em *Iracema* pela musicalidade das frases, pela riqueza de imagens apoiadas em elementos da natureza americana e pelo dinamismo das ações presentes no enredo.

2.1. Imposição cultural em *Iracema*

Entende-se por imposição cultural o que acontece quando um país impõe sua cultura, seus valores e crenças a outros países, deteriorando, muitas vezes, a identidade cultural dos povos nativos.

Com relação à literatura brasileira, será analisado se o que houve foi uma imposição por parte dos escritores portugueses ou se os escritores brasileiros sofreram influências ibéricas, mas as moldaram e as adaptaram de acordo com os temas e conteúdos da terra natal que queriam expressar em suas obras.

Antonio Candido (2009) afirma que a literatura do “período colonial foi algo imposto, inevitavelmente imposto, como o resto do equipamento cultural dos portugueses”, porém, que “este fato nada tem de negativo em si, desde que focalizemos a colonização, não pelo que poderia ter sido, mas pelo que realmente foi como processo de criação do País, com todas as suas misérias e grandezas” (Cf. CANDIDO, 2009, p. 176). Ele ressalta que essa imposição dos padrões culturais contribuiu para a formação de uma consciência nacional e que, hoje, essa consciência pode

II CONGRESSO INTERNACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA XX CONGRESSO NACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA

ser considerada madura assim como a sociedade, pois ambas são capazes de formular e resolver seus próprios problemas.

Para Antonio Candido (2009) na literatura brasileira, houve um processo de imposição cultural até a Independência do Brasil. Somente a partir desse momento é que os autores começaram a deixar os padrões ibéricos de lado e se voltaram para o que havia de mais característico e singular no país, surgindo assim, a necessidade de se criar um passado e um ícone lendários. A datar de 1822, o que houve com a literatura teria sido uma adaptação das formas estéticas portuguesas por parte dos escritores, para que pudessem relatar e engrandecer as particularidades da terra em que viviam, como uma forma de afirmação nacional e de construção da pátria. Assim, “a literatura foi de tal modo expressão da cultura do colonizador e depois do colono europeizado”. (Cf. CANDIDO, 2009, p. 165)

Antonio Candido (2009) relata que todo esse processo de imposição foi bastante nítido, já que a maioria dos cronistas, historiadores e poetas do primeiro século eram quase todos sacerdotes, senhores, militares, conhecedores dos princípios autenticados na Metrópole. Segundo ele, tudo o que era ensinado aos nativos pelos jesuítas exprimia a religião, os valores morais e as normas políticas da Monarquia.

Com o passar do tempo, os interesses da colônia começaram a se diferenciar dos interesses de Portugal e os escritores exprimiam novas posições, novos pensamentos, novos sentimentos através de suas artes. Pesquisas estavam sendo feitas com relação ao passado e ao se descobrirem coisas novas, as pessoas começaram a valorizar a figura dos nativos e a exaltar a importância de seus feitos, dando início ao processo de adaptação, no qual os autores enalteciam os recursos tipicamente brasileiros, atribuíam um sentido figurado à flora, magia à fauna, transcendiam as coisas, os fatos e as pessoas, transpunham a realidade local à escala do sonho. Tudo o que era produzido durante esse processo parecia ser mais legítimo e realmente brasileiro.

Antonio Candido (2009) reitera que “a imposição e adaptação de padrões culturais permitiram à literatura contribuir para formar uma consciência nacional”. (Cf. CANDIDO, 2009, p. 178)

Em *Iracema*, há uma passagem em que se pode notar um leve traço de imposição cultural, sendo essa entendida de acordo com o que foi exposto acima. Uma delas é o trecho presente no início da narrativa, em que a personagem está tranquila, se banhando no rio e, de repente, ouve

um barulho estranho e vê um guerreiro desconhecido, portando armas igualmente desconhecidas, totalmente diferente de tudo o que já tinha visto. No resumo da história apresentado, há presente a reação de Iracema diante daquele ser. Ela, assustada, desfere-lhe uma flecha que acaba o machucando no rosto. O guerreiro branco, por sua vez, na mesma hora, leva a mão à espada, porém se lembra dos ensinamentos de sua mãe e se arrepende. Tal excerto pode ser lido abaixo:

Rumor suspeito quebra a doce harmonia da sesta. Ergue a virgem os olhos, que o sol não deslumbra; sua vista perturba-se. Diante dela e todo a contemplá-la, está um guerreiro estranho, se é guerreiro e não algum mau espírito da floresta. Tem nas faces o branco das areias que borda o mar, nos olhos o azul triste das águas profundas. Ignotas armas e tecidos ignotos cobrem-lhe o corpo. (...) De primeiro ímpeto, a mão lesta caiu sobre a cruz da espada (...). (ALENCAR, 1991, p. 20)

Pode-se notar nessa passagem, a presença de imposição cultural devido ao fato do guerreiro português querer, nem que seja por um minuto, fazer uso da espada para se defender de uma índia nativa. No texto há referências de que esse mesmo guerreiro estaria em uma missão incumbido de catequisar os nativos e de convertê-los à fé cristã. De acordo com a definição de imposição cultural, pode-se afirmar que essa conversão a uma outra fé deterioraria as crenças e os valores indígenas.

É possível enxergar essa imposição cultural também no livro “Iracema” como um todo, já que esse, como foi relatado acima, é uma analogia do processo de colonização do Brasil com relação a Portugal.

2.2. Adaptação cultural em Iracema

Para Afrânio Coutinho (1968),

a literatura nasceu no Brasil sob o signo do barroco, pela mão barroca dos jesuítas. E foi ao gênio plástico do barroco que se deveu a implantação do longo processo de mestiçagem, que constitui a principal característica da cultura brasileira, adaptando as formas europeias ao novo ambiente, (...) conciliando dois mundos – o europeu e o autóctone. (Cf. COUTINHO, 1980, p. 113)

Enquanto Antonio Candido (2009) defende que a literatura brasileira é de formação europeia e só depois sofreu um processo de adaptação, Afrânio Coutinho (1968) afirma que a literatura brasileira nasceu com os jesuítas, já que estes faziam uso de uma linguagem que os nativos pudessem entender, rompendo pouco a pouco, dessa forma, com as matrizes europeias. O estudioso argumenta que

II CONGRESSO INTERNACIONAL DE LINGUÍSTICA E FILOLOGIA XX CONGRESSO NACIONAL DE LINGUÍSTICA E FILOLOGIA

numa época em que quase tudo à volta era pigmeu, as letras brasileiras, pela sua voz, já falam por si mesmas, com a originalidade mestiça, a que o barroquismo emprestou toda a sorte de artificios e meios de realização eficiente”. (Cf. COUTINHO, 1980, p. 87)

A identidade nacional aparece a partir do momento em que nasce no homem do Barroco um instinto intelectual e nacionalista referente à emancipação do país e esse sentimento apenas se torna mais forte e autónomo com o Romantismo. Tudo o que o homem europeu nascido no Brasil desenvolveu em seu psicológico encontrou guarida na literatura, na dança, nas diversas manifestações de arte que fez. Para o romântico a natureza é um lugar de refúgio, ele lhe transfere o seu estado da alma. Com todo esse amor ao torrão natal e à natureza, a literatura se firmou como genuinamente brasileira, visto que os escritores se voltaram para o país e retratavam em suas obras o que era daqui. Para Afrânio Coutinho (1968) um outro ponto que contribuiu para a nacionalização foi o abrasileiramento da linguagem, já que desde os primeiros tempos o sotaque, o vocabulário e a sintaxe diferenciada se fez notar pelos estrangeiros.

Com o passar do tempo e com o amadurecimento das formas e dos conteúdos tipicamente brasileiros, “se reafirmou a ideia de que literatura da era colonial é tão brasileira quanto a da chamada fase nacional. E que a literatura brasileira começou no próprio primeiro século com a obra anchietana”. (Cf. COUTINHO, 1968, p. 169-170)

Afrânio Coutinho (1968) diz que do mesmo modo que o país já era Brasil e o homem que aqui vivia já era brasileiro, a literatura também já o era, independentemente de se fazer uso das técnicas ibéricas ou não. De acordo com ele, uma literatura surge a partir do instante em que obras literárias aparecem e são usadas para divertir um público por menor e mais rarefeito que o seja.

Segundo essa concepção de adaptação cultural, o Brasil só se tornou uma nação devido à expressão de um sentimento nacional que já estava presente em sua literatura há muito tempo, desde os primórdios.

No livro de José de Alencar, pode-se observar a presença de uma imposição cultural em determinado trecho. Há outros que sugerem uma adaptação por parte da protagonista ao modo de vida português. Tais quais os que estão abaixo:

- A filha dos tabajaras já deixou os campos de seus pais; agora pode falar.
- Que segredo guardas em teu seio, virgem formosa do sertão?
- Iracema não pode mais separar-se do estrangeiro.

– Assim é preciso, filha de Araquém. Torna à cabana de teu velho pai, que te espera.

– Araquém já não tem filha (ALENCAR, 1991, p. 53)

– Iracema tudo sofre por seu guerreiro e senhor. (ALENCAR, 1991, p. 59)

Nesses excertos é possível notar por parte da personagem Iracema um sentimento de submissão em relação ao estrangeiro. A primeira passagem acontece quando ela e Poti estão conduzindo em paz o estrangeiro até os limites de sua tribo potiguara. Já houve a consumação sexual que não poderia haver entre os dois e Iracema tem conhecimento disso. Ela, por ter desobedecido às regras de sua tribo e por ter subvertido o sistema, não pode mais voltar, pois seria expulsa, provavelmente. A personagem, então, precisa seguir Martim, se adaptar e viver com ele, já que esse se tornou seu esposo. No segundo trecho a ideia de submissão é mais nítida, Iracema afirma tudo sofrer por seu “guerreiro e senhor”. A posição elevada em que ela coloca seu esposo demonstra obediência, respeito, subordinação. Quase no fim da obra, ela vive feliz com Martim e nem se arrepende de ter fugido de sua taba, está totalmente adaptada ao novo ambiente e ao novo modo de vida que leva.

3. Conclusão

Em vista das informações elencadas, dos pontos de vista divergentes dos teóricos citados e das análises feitas referentes ao livro “Iracema”, de José de Alencar, pode-se concluir que nessa obra é possível encontrar as duas linhas de pensamento, imposição e adaptação cultural.

Afrânio Coutinho (1968) afirma que a literatura brasileira nasceu com o Barroco e que, apesar de ter sofrido influências da literatura ibérica, apenas se adaptou às formas estéticas literárias portuguesas.

Antonio Candido (2009), por sua vez alega que a literatura portuguesa foi imposta e que só depois, com a Independência, é que os escritores brasileiros começaram a se voltar para as características do país e foram rompendo pouco a pouco com Portugal até amadurecerem e produzirem obras genuinamente brasileiras.

Apesar do distanciamento entre os pensamentos dos teóricos, no livro analisado é possível encontrar os dois conceitos. Os pontos de vista se divergem ao mesmo tempo em que convergem na obra de José de Alencar.

II CONGRESSO INTERNACIONAL DE LINGUÍSTICA E FILOLOGIA
XX CONGRESSO NACIONAL DE LINGUÍSTICA E FILOLOGIA
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALENCAR, José Martiniano de. *Iracema*. São Paulo: Ática, 1991.

ANDRADE, Fernando Teixeira de. José de Alencar – Iracema: análise da obra, seleção de textos e questionário. In: *Os livros da FUVEST/UNICAMP – II*. São Paulo: Objetivo, 2015.

CANDIDO, Antonio. Literatura de dois gumes. In: _____. *A educação pela noite & outros ensaios*. São Paulo: Ática, 2009, p. 163-180.

COUTINHO, Afrânio. A tradição afortunada. In: _____. *A tradição afortunada: o espírito de nacionalidade na crítica brasileira*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1968, p. 159-189.

_____. Do barroco ao rococó. In: _____. *Introdução à literatura no Brasil*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1980, p. 77-114.